

Subsídio da Escola de Cidadania: História, metodologia e sugestões para os encontros



ESCOLA DE CIDADANIA
DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA

1º Caderno

FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO DO SUBSÍDIO

Leandro Alves Lopes

COLABORADORES

Juliana Silva

Leandro Alves Lopes

Maria das Graças Fonseca Cruz (Marilene)

Maria Lidianny Santos Nogueira

Marilda dos Santos Lima

Regina Coeli Calil Lustoza Leão

DIAGRAMAÇÃO

Márcio Montenegro

REVISÃO

Maria Suzete Casellato

Coordenação Nacional

Coordenadora Nacional:
Vice-Coordenadora Nacional:
Bispo Referência PAMEN Nacional:
Auxiliar de Coordenação:
Mobilização de Recursos:

Regina Coeli Calil Lustoza Leão
Marilda dos Santos Lima
Dom Luiz Gonzaga Fechio
Angela L. Ramos Evangelista
Maria das Graças Fonseca Cruz (Marilene)

Coordenadores das Regiões

Região Norte:
Região Nordeste:
Região Sudeste:
Região Sul:
Centro-Oeste:

Márcia Maria de Souza Miranda
Nipson Richard Oliveira de Freitas
Pe. Ovídio José Alves de Andrade
Pe. Valter Fiorentin
Arlene Aparecida Pinheiro Pires Domingues

Coordenadores dos Regionais

Norte 1:
Noroeste:
Norte 2:
Nordeste 1:
Nordeste 2:
Sub-regional NE 2 PB:
Sub-regional NE2 RN:
Nordeste 5:
Leste 1:
Leste 2:
Sub-regional L2 ES:
Sul 1:
Sul 2:
Sul 3:
Sul 4:
Oeste 1:
Arquidiocese de Brasília:
Representante no CONANDA:

Ana Maria Silva Soares
Arildo Oliveira Sabino
Antonio Junio Pereira
Maria Lidiany Santos Nogueira
Maria Sonia Nascimento Pereira
Amanda Pereira da Silva
Tony Marques de Oliveira
Quésia Barros Madeira
Natanne Azevedo de Lima
Alessandra Cristina de Castro
Sonia Silva Amâncio do Rosário
Diácono Everton Pereira
Célia Maria Azevedo Santana
Lino Morsch
Ir. Nair Tenroller
Arlene Aparecida Pinheiro Pires Domingues
Jovita José Rosa
Regina Coeli Calil Lustoza Leão

Sumário

Cidadania para fazer a diferença.....	5
Palavras da Coordenação	6
Apresentação	8
CAPÍTULO 1	9
1. A práxis da PAMEN que gera.....	9
1.1. A História da Escola de Cidadania ¹	10
CAPÍTULO 2.....	15
2.A Proposta da Escola de Cidadania	15
2.1. Objetivos	15
2.2. Metodologia	16
2.3. Como implantar uma Escola de Cidadania?.....	19
2.4. Itinerário Formativo	21
2.5. Estrutura dos encontros	27
2.7. O Papel do Adolescente e do Educador Articuladores	30
CAPÍTULO 3.....	32
3.Propostas de encontros para nucleação da EDC.....	32
ESCOLA DE CIDADANIA.....	32
Parte I.....	32
ESCOLA DE CIDADANIA.....	34
Parte II.....	34
ESCOLA DE CIDADANIA.....	36
Parte III	36
ESCOLA DE CIDADANIA.....	38
Parte IV.....	38
Parte V.....	39
Parte VI.....	41
Parte IV.....	43
4. Referenciais Bibliográficos	45

Cidadania para fazer a diferença

Numa sociedade tão carente de autênticos cidadãos e cidadãs, um projeto denominado Escola de Cidadania (EDC) é uma iniciativa arrojada e encantadora, ainda mais quando esta se volta para a adolescência.

Com essa afirmação início este breve texto para enaltecer um campo de atuação da Pastoral do Menor Nacional (PAMEN) que, dentre outros relevantes programas e projetos, ao longo das suas quatro décadas de existência, já seria, a meu ver, por si só, justificativa muito plausível para realçar a importância que ela tem no cenário social do país, como um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

“Cidadão” e “cidadã” são termos que nos remetem imediatamente a “cidade”. Porém, ao pensar a expressão “Escola de Cidadania” perceberemos que, naturalmente, não se trata apenas da questão de residência numa cidade ou, somente, da portabilidade de um documento civil de identificação. Trata-se, pois, de uma “escola”. Portanto, subentende-se formação.

No “Plano de Formação dos agentes da Pastoral do Menor”, logo na introdução, consta que “a formação é o ato de preparar ou estimular alguém a desenvolver suas capacidades na construção de processos coletivos voltados para o convívio social e as relações humanas. Nesse viés, constitui-se num processo de diferentes aprendizados, sempre integrada ao engajamento social, numa dinâmica de ação-reflexão-ação.

Para Paulo Freire, a formação serve tanto para o trabalho quanto para a vida, a cidadania e a conscientização para a participação ativa na vida política da sociedade. Para ele, o ser humano tem sua amplitude, autonomia e capacidade de decidir. A formação acontece através de um processo de troca e interação entre sujeito, cultura e saberes. Ela é permanente, é cotidiana, é ‘dia após dia’.

O texto citado acima embasa qualificadamente essa revolucionária frente de ação da Escola de Cidadania, desenvolvida por agentes pastorais preparados e dedicados da nossa provocadora PAMEN, fazendo com que sua cidadania consciente, civil e cristã seja promotora dessa mesma dignidade a tantos adolescentes, principalmente das periferias desse mundo urbano tão desumano e desigual.

A condição de vulnerabilidade em que se encontram tantos irmãos e irmãs menores é ocasião propícia e campo fértil para a PAMEN fazer a semeadura do Reino que o Senhor da Mesa iniciou e cujo sucesso garantiu com Sua Paixão, Morte e Ressurreição, dando-nos a certeza de que Ele está conosco até o fim, sustentando-nos e fortalecendo-nos nas mais pequeninas atividades que tornam presente a grandeza da Sua ação salvadora.

Que a oportunidade da Escola de Cidadania oferecida pela nossa PAMEN em vários lugares do Brasil possa fazer com que o(a) adolescente e jovem que dela participa sintam-se verdadeiramente valorizado(a) à altura, que lhe possibilite compreender o quanto é importante em sua singularidade, para ser sujeito da construção de uma história de vida pessoal, que incida na vida de outros, ressoando, com o seu protagonismo, ou seja, seu ser pessoa que reflete a realidade e a sua própria vida, ideias e valores, em atitudes que edificam o Reino concretizado por Jesus e que significa vida digna para todos.

Que nossos adolescentes e jovens, formados na Escola de Cidadania, sejam formadores de uma sociedade justa, participativa, sustentável e pacífica.

Dom Luiz Gonzaga Fecho

Palavras da Coordenação

A inspiração da Escola de Cidadania – EDC nasce na centralidade do jovem galileu, Jesus de Nazaré. No rosto dos adolescentes e suas famílias, fomos reconhecendo o rosto desse jovem galileu, fomos sentindo a inquietação diante das injustiças, os desejos alimentados por sonhos, a alegria do encontro na partilha e na comunhão, nas possibilidades de travessias em busca de dignidade e plenitude. A presença dos adolescentes, esse vigor, é sinal para todos os Agentes da Pastoral do Menor de dias melhores em cada canto do Brasil. Por isso, acolhemos com todo o nosso afeto o testemunho de esperança das Escolas de Cidadania com seus adolescentes, familiares e educadores.

É longa a jornada da história PAMEN, desde a semente lançada por Dom Luciano, Irmã Maria Rosário e Ruth Pistori. Muitos outros os seguiram e semearam a esperança de ver a criança e o adolescente sujeitos de direito, respeitando e priorizando cada novo ciclo de vida com proteção para seu desenvolvimento integral.

Todo esforço valeu muito! Pois a beleza da ação Pastoral está em cada rosto do Cristo com sorriso de esperança na vida, em cada passo gestado, que gera perspectiva futura. Ação que se soma, em todo o território nacional, ao clamor das crianças e adolescentes por todas as injustiças e desigualdades sofridas, na certeza de construirmos com eles e por eles as necessárias transformações sociais, políticas e econômicas, que resultem na conquista de um mundo onde prevaleçam a fraternidade, a solidariedade, a justiça e a igualdade.

É exercitando a cidadania, protagonizando e acreditando que se podem realizar transformações a nível pessoal e social, gerando escolhas, que se cria incidência política exercitada por participação, mobilização e formação.

A EDC traz em sua proposta essa possibilidade assegurada em tantos marcos regulatórios, dentre os quais elencamos:

- o Plano Decenal dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes, especialmente o Objetivo estratégico 6.1, da Diretriz 6, do Eixo 03, que dispõe sobre “promover o protagonismo e a participação de crianças e adolescentes nos espaços de convivência e de construção da cidadania, inclusive nos processos de formulação, deliberação, monitoramento e avaliação das políticas públicas”;
- a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas – ONU, em seu Art. 12, que estabelece o direito da criança e do adolescente de serem ouvidos e participarem das decisões que lhes digam respeito de acordo com a sua idade e maturidade;
- o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH-3 que, na Diretriz 8, Objetivo Estratégico 1, Ação Programática E, quando estabelece que a SDCA, em parceria com o CONANDA, deve assegurar a opinião das crianças e dos adolescentes será considerada na formulação das políticas públicas voltadas para estes segmentos;
- a Política Nacional de Participação Social que tem o objetivo de fortalecer e articular os mecanismos e as instâncias democráticas de diálogo e a atuação conjunta entre a administração pública federal e a sociedade civil e que define dentre as instâncias de participação social os conselhos de políticas públicas, comissão de políticas públicas, conferência nacional, consulta pública e ambiente virtual de participação social;

- o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, que considera a mobilização e organização de processos participativos em defesa dos direitos humanos de grupos em situação de risco e vulnerabilidade social, denúncia das violações e construção de propostas para sua promoção, proteção e reparação, como estratégia de educação não formal;

- o artigo 4º da Resolução 159 do CONANDA, segundo o qual esse colegiado elaborará normas para a participação de crianças e adolescentes nos espaços de discussão relacionados aos direitos de crianças e adolescentes.

Considerando todos esses marcos, fomentar a EDC é possibilitar e apoiar a criação dos espaços de participação de adolescentes nos diversos âmbitos, do macro ao micro, seja dos conselhos nacional, estaduais, distrital e municipais de direito; como também nos grêmios estudantis e associações, dentre outros espaços representativos. Acompanhar políticas públicas voltadas a crianças e adolescentes, apresentar propostas participando dos encontros e assembleias da PAMEN, com direito à Voz fomentar discussões e elaboração de propostas a serem apresentadas

Participar de EDC possibilitará ao adolescente interagir com qualidade em reuniões, seminários, grupos de trabalho e demais eventos relacionados aos direitos da criança e do adolescente, quando convidados.

Dito isso, ressaltamos a importância do apoio das dioceses e arquidioceses na implementação das Escolas de Cidadania, identificando a capacidade da juventude de forma positiva e possibilitando o desabrochar dos potenciais e sonhos de cada adolescente que faz parte da trajetória da Pastoral do Menor.

Apresentação

Este subsídio visa responder aos anseios e desejos dos adolescentes e educadores sociais, agentes da Pastoral do Menor, espalhados pelo Brasil, que se têm dedicado a contribuir, por meio de suas práticas, de forma ética e colaborativa, para a formação humana de adolescentes no que tange ao campo relacional, de convivência comunitária e familiar.

Nesse sentido, a partir do 4º encontro nacional de adolescentes e educadores articuladores das Escolas de Cidadania formou-se uma rede colaborativa a nível nacional para mobilizar um planejamento que pudesse contar com quatro eixos: formação dos articuladores; implantação/articulação/fortalecimento das EDCs; incidência dos adolescentes nos espaços sociais; e criação de subsídios sobre a EDC.

Sobre o quarto eixo, iniciamos um processo de escuta e de envio de atividades para compor este e futuro textos, já que este é o primeiro de uma série de subsídios que ajudarão na sistematização de nossa práxis. Contudo, cabe ressaltar que o material não se limita a ele mesmo. Ele é um guia, uma inspiração e deve ser experienciado, problematizado e aperfeiçoado. Por isso, o constante diálogo com os representantes das dioceses é fundamental.

Você encontrará neste 1º Subsídio elementos importantes para a memória, alinhamento, articulação e mobilização das EDC's: no primeiro capítulo um breve relato de como iniciamos o projeto da EDC; no capítulo dois discutiremos sobre a proposta da EDC (objetivos, metodologia, como se implantar, seu itinerário formativo, estrutura dos encontros e o papel dos articuladores), e no terceiro capítulo propostas de encontros para a implantação/nucleação/vinculação dos participantes da EDC.

Aproveitem, e nos colocamos à disposição.

Equipe de Assessoria das Escolas de Cidadania

Lidiany e Leandro

CAPÍTULO 1

1. A práxis da PAMEN que gera...

O caminho da PAMEN sempre foi de olhar e sentir a realidade, os dramas humanos, principalmente os que afetam crianças, adolescentes e suas famílias, e, a partir disso, assumir a postura profética de denunciar as perversidades que nos distanciam de Deus e anunciar uma boa nova, fomentando, criando, ressignificando práticas pastorais, pedagógicas e políticas.

Desde seu nascimento na década de 1970, na cidade de São Paulo, fomos aprendendo com as crianças e adolescentes em situação de rua e na rua; de entidades de acolhimento; vítimas de exploração do trabalho; de exploração e abuso sexual; de preconceito; de pobreza; de perseguição e violência; de desvio da lei; de fome; de analfabetismo; as estratégias de sobrevivência (cf. Souza Neto, 2002) e o jeito de se tornar educador social. Para cada grupo, foram se tecendo propostas sociopedagógicas, socioculturais, sociopastorais e sociopolíticas.

Após os marcos legais que visam a promoção, proteção, e defesa da infância e da juventude, originários da segunda metade do século XX com a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), educadores da PAMEN, animados com o movimento internacional, começam a compor grupos de mobilização para fomento de legislações e políticas que dessem respostas aos dramas postos. Muito se avançou em termos jurídicos, (apesar das constantes tentativas de distorção da perspectiva filosófica/pedagógica de se constituir uma cultura do bem viver e conviver, uma cultura do direito, com mais justiça e equidade nas relações), porém foi-se percebendo, através das Assembleias Nacionais, que não basta fazer para o outro é necessário fazer com o outro. É nessa perspectiva freiriana que se gera na Pastoral o desejo do Espírito Santo, criador da vida, das novidades, das boas novas.

E vimos na EDC a oportunidade de desenvolver uma formação complementar para o exercício da cidadania, libertadora e autogestão dos adolescentes, oferecendo-lhes a chance de serem formadores de outros adolescentes, constituindo assim em cada diocese um grupo de liderança para agir em favor de políticas públicas e políticas sociais que beneficiem principalmente quem se encontra fora delas e em favor de uma mudança da realidade.

A inovação da proposta de trabalho consiste em apostar nossas fichas na formação de adolescentes para adolescentes, de forma diferenciada daquela que tradicionalmente é aplicada nas escolas, formação bancária, nossa formação parte da realidade do adolescente, de temas geradores levantados por eles e realizando intervenções no seu território e nesse processo aprende-se principalmente a fazer leitura dos passos percorridos.

Sob esse prisma reunimos registros, atas, entrevistas, atividades e palestras para sistematizar neste documento esse movimento gerado na PAMEN do qual se denominou Escola de Cidadania.

- Sobre essa história consultar:
PPP
Plano Nacional de Formação
PDO

1.1 A História da Escola de Cidadania¹

Leandro Alves Lopes e Marilene Cruz

Para compreendermos o projeto Escola de Cidadania faz-se necessário entender o porquê de a PAMEN ter elaborado esse projeto, qual sua intencionalidade e proposta de formação-ação. Para isso, partiremos dos relatos históricos que a constituíram.

A PAMEN é fruto do Concílio Vaticano II e das Conferências Latino-americanas. Caminha na esteira da Teologia e da Pedagogia da Libertação e desde a Campanha da Fraternidade de 1987 (Fraternidade e o Menor), Semanas Ecumênicas do Menor e Assembleias Nacionais da PAMEN vem tecendo metodologias e projetos para ajudar a criança e o adolescente a fazerem a leitura de seus problemas, da sua biografia e se conscientizarem para a mobilização rumo à dignidade.

Curiosidade: Temas das semanas ecumênicas: • Em 1981 a I Semana Ecumênica do Menor teve como tema “A comunidade e a educação do menor”. • No ano de 1982 a II Semana Ecumênica foi marcada pelo tema “Transformar-se para transformar”. • Em 1983 a III Semana Ecumênica fez soar o grito das crianças com o tema: “Nós queremos viver!”. • Em 1984 o tema da IV Semana foi “A boa-nova e o menor”. • No ano de 1985 o tema da V semana foi “A cidade e os direitos do menor”. • Em 1986 o tema da VI Semana foi “A criança-profeta”. • Na VII Semana do Menor em 1987 tratamos do tema: “Nascemos para a vida, por que morrer tão cedo?”. • Em 1988 com a VIII Semana assumimos o tema: “Direitos dos menores, direitos de Deus”. • Em 1989 realizamos a IX Semana Ecumênica e trabalhamos o tema: “Criança: prioridade absoluta”. • E, em 1990 com a realização da X Semana Ecumênica, o tema foi “A vida dos pequenos renova a história”.

A Pastoral do Menor quando surge na Arquidiocese de São Paulo na década de 1970 por meio da animação pastoral de Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, bispo auxiliar nomeado para a Região Episcopal Belém, foi para ser uma presença profética de denunciar os sofrimentos e anunciar que uma outra sociedade era possível. Nisso famílias, congregações religiosas e agentes pastorais se encantaram com a proposta e se mobilizaram em busca de ações de defesa da vida de crianças e adolescentes, sendo um sinal de esperança em territórios sem perspectivas de vida.

Os agentes da PAMEN junto com outros movimentos, organizações e pastorais criaram espaços de controle, promoção e denúncia – como fóruns e conselhos – e atuaram nos debates que resultaram na criação do Artigo 227 da Constituição Federal (1988), bem como na elaboração e aprovação do Estatuto da Criança e Adolescente (1990).

O que é mais relevante na missão da Pastoral do Menor é “[...] promover e defender a vida de crianças e adolescentes empobrecidos e em situação de risco pessoal e/ou social desrespeitados em seus direitos fundamentais.” (PRINCÍPIOS, DIRETRIZES E ORGANIZAÇÃO, 2017, p. 9).

Chama a atenção que a PAMEN, desde seu surgimento até os dias atuais, preocupa-se em ajudar as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade a se tornarem construtores de sua própria história, problematizando as condições de opressão e refletindo a

¹Parte do texto foi extraído da entrevista de Leandro Alves Lopes com a Marilene Cruz (Maria da Graça), do Plano Nacional de Formação da Pastoral do Menor e de artigos citados na bibliografia.

necessidade de articulação em comunidade para efetivação dos direitos humanos. Sendo assim, um movimento constante de refletir o papel protagônico dos adolescentes, inclusive nas tomadas de decisão da Pastoral do Menor em diferentes instâncias, sempre esteve presente no debate dos educadores.

Alguns episódios marcaram esse debate, um deles foi durante o mandato do ex-coordenador nacional Pe. Joacir Della Giustina, de 1999 a 2004, ano em que ocorreu a V Assembleia Nacional cujo tema foi Mística da Pastoral do Menor” e o lema: “Seguir Jesus no compromisso com as crianças e adolescentes empobrecidos”. No ano seguinte, em 2005, realizava-se a 1ª Assembleia Nacional dos Adolescentes. Foi nesta assembleia que eles optaram por encontros anuais que começaram em 2006. “Os Encontros Nacionais dos Adolescentes, numa perspectiva de articulação a partir deles mesmos, dando maior visibilidade ao protagonismo infanto juvenil. Se dá, com esta iniciativa, maior visibilidade a uma das senhas identitárias fundamentais da PAMEN” (Plano Nacional de Formação - PNF)

Na V Assembleia Nacional (2005), uma das prioridades aprovadas foi o “protagonismo das crianças e dos adolescentes”, clamor de boa parte das regiões do Brasil.

[...] umas das prioridades tiradas na assembleia, foi o protagonismo. Bem, se é uma proposta que sai, a gente procura colocar em prática. A gente já se reunia com eles, anualmente, como haviam solicitado. Os encontros eram muito bons, bons mesmo, mas eu estava sentindo que só ali, encontrava e ia embora, não era suficiente. (Marilene Cruz, entrevista dia 25/10/2018)

Marilene Cruz teve um papel estratégico na elaboração do projeto Escola de Cidadania. No período de 2002 a 2007 foi coordenadora do Regional Leste 2 (Minas Gerais e Espírito Santo) e nesse mandato buscou parcerias para a construção de um projeto que fosse mais efetivo que os encontros nacionais. Foi quando buscou a ajuda de Antonio Carlos Gomes da Costa e Rudá Ricci.

E Rudá Ricci, que é um analista político, que é muito envolvido com a educação, falava muito de trabalho com os adolescentes e falava de Escola de Cidadania. Ele desenvolveu um projeto com adultos e professoras, inclusive. Em um desses encontros, eu conversei com ele: “Estou pensando uma coisa... a gente está trabalhando com adolescentes e quer dar um passo além. Será que é possível com a escola de cidadania?”. (Marilene Cruz, entrevista dia 25/10/2018)

Buscava-se, ao construir o projeto Escola de Cidadania, unir educação social, cidadania e protagonismo. Com a assessoria do Rudá Ricci foi apresentado à Pastoral do Regional Leste 2 o modelo da escola de cidadania de Myles Horton, educador norte-americano que fundou o Highlander Folk School em 1932, em Monteagle, no Tennessee, e, na década de 50, a School of Citizenship, escola dedicada ao ensino de negros para ajudá-los no processo de conscientização e assim criar condições para que eles lessem criticamente as questões sociais, econômicas e políticas, arraigadas numa sociedade segregadora, para lutarem pelos direitos civis.

Tal proposta somente seria efetiva, de modo a empoderar para o exercício dos deveres e direitos, com uma prática educativa horizontal.

Somente o diálogo entre educador e educando proporcionaria a ambos a troca de saberes de maneira reflexiva. Essa prática está baseada na práxis educativa de Paulo Freire. Nela o diálogo não é a mera troca de palavras, mas uma relação que se funda na capacidade de ouvir, de questionar, de provocar a uma nova prática, não imposta ou “repassada”, mas construída por essa relação dialógica. (DOCUMENTO², p. 9)

A preocupação de não impor um projeto foi ponto de reflexão de Marilene Cruz, na entrevista. A ex-coordenadora da PAMEN nacional aponta a importância de consultar os adolescentes e construir junto com eles o projeto.

Antes de a gente começar mesmo com esse trabalho, teve a reunião com os adolescentes e fui conversar com eles sobre esse assunto, se eles achavam que isso era bom, reunir-se mais vezes, mas colocar uma coisa pra eles estudarem – a essa altura, eu já entendia o que era o processo de escola de cidadania: eles estudarem e passarem para outros. Eles gostaram muito, e ficou até muito marcante para mim, pois tinha um menino – na época, ele devia ter 13 anos –, menino lá de Cachoeiro do Itapemirim... e todo mundo apresentando sugestões e perguntando. E eu perguntei “o que vocês acham que deverá ser?” e tal. Esse menino falou assim: “Eu acho que isso é muito importante; a gente tem que estudar o que é que essas guerras no mundo têm [a ver] com a gente aqui”. No fundo, o que ele estava pedindo era análise de conjuntura. (Entrevista dia 25/10/2018)

Contudo, para os adolescentes, a Escola de Cidadania não deveria ser a “escola tradicional”. Tratava-se de um novo espaço educativo a ser gestado.

Quando a gente foi sentar para detalhar um pouco mais, foi com eles também. O que eles pensavam, a idade, a questão dos critérios, tudo isso foi discutido com os meninos. E teve um outro fato também interessante que eles, falando dos critérios e etc., foram rígidos. Eu falei: “um critério que poderia haver também, é que participará da escola de cidadania o menino que não repetir de ano”. Mas não; eles disseram que “não tem nada a ver com Escola de Cidadania [...] o que nós estamos falando aqui é outra coisa, não é essa escola que a gente frequenta”. Realmente, essa foi a mensagem. (Marilene Cruz, entrevista dia 25/10/2018)

²Texto elaborado por Maria Auxiliadora Costa e equipe, da Pastoral do Menor do Regional Leste 2, na tentativa de sistematizar o projeto Escola de Cidadania, e que passa a ser referido apenas como Documento.

Maria Auxiliadora Costa, mais conhecida como Dodora, ex-coordenadora da Pastoral do Menor do Regional Leste 2, cargo que assumiu com a saída de Marilene, na tentativa de sistematizar o projeto Escola de Cidadania, elaborou um documento para a Pastoral do Menor, que corrobora a fala de Marilene Cruz:

[...] A partir daí, Marilene faz um planejamento que constava de três aspectos: **a organização estrutural, metodológica e prática** da Escola da Cidadania. Nesse momento Rudá Ricci (Instituto Cultiva) havia sido contratado para, junto com Marilene e Renata (secretária do Regional), pensarem e elaborarem esse projeto. Na organização estrutural do Regional pensou-se em um grupo-piloto, composto de 4 dioceses, que foram as dioceses de Cachoeiro do Itapemirim, Divinópolis, Juiz de Fora e Montes Claros. (DOCUMENTO, p. 5)

Ainda para (Dodora), a Escola de Cidadania propõe “[...] buscar uma organização comunitária e envolvimento com a gestão do Estado democrático, e visa participar ativamente na formulação de políticas públicas [...] em busca de possibilidades mais igualitárias de inserção social”. (DOCUMENTO, p. 5)

No mandato da ex-coordenadora nacional Marilene (2008-2014), os adolescentes que participavam dos encontros nacionais vindos do Regional Leste 2 começaram a partilhar a experiência do projeto Escola de Cidadania, que foi encantando os demais adolescentes, iniciando uma reflexão de expandir o projeto para todos os regionais. Na Assembleia Nacional o projeto Escola de Cidadania foi aprovado como uma das prioridades, desencadeando encontros nacionais de formação para implantação do projeto em todo Brasil.

Em 2013 realizou-se o primeiro Encontro Nacional dos Articuladores da EDC e em seguida mais três, quando se foram definindo as estruturas, as concepções até a consolidação deste subsídio. Nesses encontros por exemplo apontaram que **a EDC é espaço de adolescentes para adolescentes, onde eles possam debater, opinar e realizar ações de modo protagonista, embasados no ECA, nos Direitos Humanos, na Constituição Federal, nos valores cristãos e nos documentos da Igreja. E a visão da EDC segundo os adolescentes e educadores é que ela possa ser uma ferramenta de transformação social fundamental na sociedade, em que se pretende debater, opinar e realizar ações concretas no bairro/comunidade.**

Acrescenta-se que no Mandato da ex-coordenadora Nacional Marilda dos Santos Lima (2018/2020), ela convidou educadores pesquisadores para ajudar voluntariamente no processo de Assessoria das EDC em articulação Nacional. A seguir uma ilustração da linha do tempo sobre a EDC.

1.2 Linha do Tempo

Década de 70 e 80 mobilizações pela defesa da criança e do adolescente

- Confências Episcopais Latino-americanas (1968 e 1979).
- Em 1975 A Câmara dos Deputados instaurou a CPI do Menor.
- Em 1977 Fundação da Pastoral do Menor na Arquidiocese de São Paulo.
- Em 1979 Ano Internacional da Criança.
- Início das Semanas Ecumênicas do Menor (1981 a 1992).
- Em 1986 Frente Nacional de Defesa dos Direitos da Criança.
- Em 1987 Campanha da Fraternidade: Fraternidade e o Menor. A partir daí, a Pastoral foi sendo fortalecida e organizada em todo o Brasil.
- Mobilizações pela aprovação do art. 227 e Constituição Federal de 1988.
- Em 1988 1º. Encontro Nacional de Articuladores da Pastoral do Menor.

Década de 1990

- Em 1990 Cachoeira do Campo/MG: foi redigida uma Carta de Princípios da Pamen.
- Ainda em 1990 Promulgação do ECA e da Doutrina de Proteção Integral.
- Em 1993 Foi realizada a I Assembleia Nacional da Pastoral do Menor.
- Em 1996 II Assembleia Nacional da Pastoral do Menor.
- Em 1999 Foi realizada a III Assembleia Nacional da Pastoral do Menor.

Década de 2000

- Em 2002 Foi realizada a IV Assembleia Nacional da Pastoral do Menor.
- Em 2004 Realização da V Assembleia Nacional da Pastoral do Menor, a primeira com a participação dos adolescentes.
- Em 2006 Tivemos o 1º. Encontro Nacional dos Adolescentes, visando o protagonismo. Deu-se início à Escola de Cidadania na cidade de Belo Horizonte/MG e na cidade de Abaetetuba/PA.
- Nesse mesmo ano de 2006 deu-se início à Escola de Cidadania no Leste 2.
- Em 2008 Foi realizada a VI Assembleia Nacional da Pastoral do Menor.
- 2009 Foi realizado o 2º. Encontro Nacional dos Adolescentes.

Década de 2010

- Em 2010 Foi realizado o 3º. Encontro Nacional de Adolescentes, onde surgiu a proposta de difundir o projeto Escola de Cidadania Dom Luciano Mendes de Almeida nas demais regiões.
- Em 2013 Foi realizado o 1º. Encontro Nacional dos Articuladores da Escola de Cidadania.
- Em 2014 Foi realizado o 2º. Encontro Nacional dos Articuladores da Escola de Cidadania.
- Em 2016 Foi implementada a campanha da Pastoral do Menor chamada: DÊ OPORTUNIDADE. Com o Lema: NINGUÉM NASCE INFRATOR.
- Em 2017 Foi realizado o 3º. Encontro Nacional dos Articuladores da Escola de Cidadania.
- Em 2018 Formou-se o grupo nacional de assessores da EDC.
- Em 2019 Foi realizado o 4º. Encontro Nacional dos Articuladores da Escola de Cidadania.

Década de 2020

- Em 2020 Foi articulada a rede de educadores da EDC nacional. Planejamento com a definição de quatro eixos de ação e início da elaboração do subsídios com a contribuição dos articuladores.
- Em 2021...

CAPÍTULO 2

2. A Proposta da Escola de Cidadania

Maria Lidiany Santos Nogueira e Leandro Alves Lopes

Adolescentes e educadores da EDC ao longo de uma década foram experienciando atividades, vivências, alegrias e dramas, em que suas narrativas foram sendo sistematizadas de modo a consolidar e sociabilizar uma proposta pedagógica, pastoral e política que, a priori, se apresentava para os articuladores tal qual um quebra-cabeça a ser montado. Os encontros nacionais trouxeram muitas contribuições significativas, contudo, muitos registros acabaram se perdendo ou não foram reflexivos de modo a criar um relato orgânico.

O que segue é o que foi possível encontrar de registros, mas tomamos principalmente como base as vivências, reflexões e encaminhamentos do 4º Encontro Nacional de Adolescentes e Educadores Articuladores, com participação do Conselho e da Coordenação Nacional da PAMEN, em que se aprovou a proposta da EDC para o Brasil.

2.1 Objetivos

Objetivo geral: Proporcionar um processo de formação integral para adolescentes pelos adolescentes, visando o exercício sociopolítico, comunitário e eclesial, pautado nos valores cristãos.

Objetivos específicos:

Conscientizar os adolescentes sobre a história e a realidade, para que possam fazer suas escolhas e com isso ajudá-los a ter um futuro com mais promissor.

- Promover espaços de discussão sobre direitos e deveres dos adolescentes.
- Oferecer aos adolescentes condições favoráveis para o exercício do protagonismo ético e da cidadania.
- Promover a participação dos adolescentes em espaços de controle social (conselhos ou grupos de base) para reivindicar a efetivação de políticas públicas.
- Ser espaço afetivo, dialógico e de respeito, acolhendo os dramas e reivindicações dos adolescentes.

E, então, nos perguntamos: por que esse processo formativo visando a atuação dos adolescentes?

Porque apesar dos marcos legais pautados nos ideários dos direitos humanos, fomos percebendo que só isso não seria o suficiente para se estabelecer uma nova ordem social, é necessário construir novas educabilidades que ajudem as novas gerações nas práticas libertárias, para a cultura do direito, e assim desconstruir complexa e cruel realidade humana que tem provocado toda sorte de violência contra toda a criação de Deus.

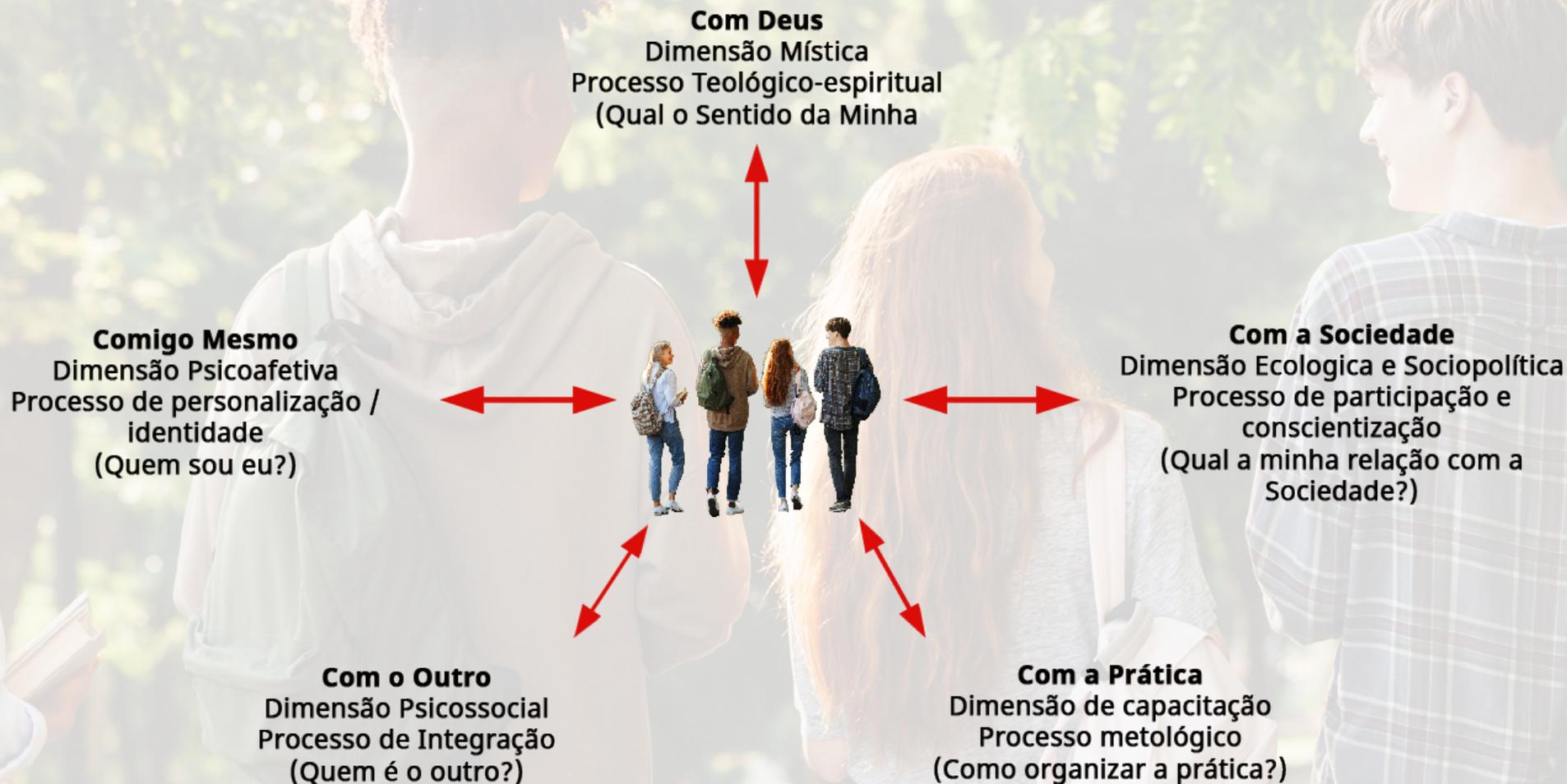
Logo os adolescentes e educadores em um movimento rizomático contagia seus familiares e toda a comunidade para a construção de uma rua, de um bairro, de uma comunidade, de uma cidade mais educadora, solidária, ética e comprometida com a vida.

Partindo dessa reflexão, adolescente e educadores elegeram os **princípios** que norteiam a EDC:

- ✓ Protagonismo ético;
- ✓ Comprometimento com a defesa da vida;
- ✓ Companheirismo e solidariedade;
- ✓ Disponibilidade;
- ✓ Educador/ incentivador;
- ✓ Mística;
- ✓ Acolhimento

2.2 Metodologia

A equipe de assessores da EDC Nacional, ao longo do triênio 2018/2020, observou as experiências dos diversos regionais e dialogou com as diferentes realidades e grupos de educadores e adolescentes, constando os eixos metodológicos: qualitativo-fenomenológico e o sociocultural, em uma epistemologia decolonial, latino-americana, pois parte da realidade, do cotidiano, dos dramas e alegrias objetivos e subjetivos apontados. E acredita em uma formação que leve em conta a integralidade do ser humano, isso é a dimensão psicoafetiva, psicossocial, sociopolítica e ecológica, mística e metodológica



Nesse sentido, a metodologia da EDC, segundo o relatório do 4º Encontro Nacional dos articuladores acolhe uma gama de métodos, estratégias e atividades que têm como escopo a participação; o educador como problematizador-mediador-apoio; ação-reflexão-ação; a autogestão pelos adolescentes e a realização de projetos de intervenção.

Porém, o método Pastoral (ver, julgar, agir, rever e celebrar) destaca-se como o mais utilizado e que facilita os elementos acima evidenciados. Contribuindo para que o adolescente veja sua realidade de nome/temas geradores daquilo que é o centro de interesse para o estudo (etapa do julgar), a ação por meio da realização de projetos de intervenção e, por fim, avaliam o caminho percorrido, olham novamente para a realidade e celebram os pequenos avanços.

Ver / Sentir - Levantamento da Realidade.

Ver é conhecer a realidade e os aspectos que se deseja transformar. A maneira mais fácil de ver a sua realidade é ir em busca de informações a respeito dela. Feita a pesquisa, apresenta-se os problemas, de forma que todos possam tomar conhecimento da realidade.



Agir - Colocar em prática o plano feito.

Agir é ter participação ativa na vida da comunidade e também do grupo que faz parte, sendo que essa ação busca melhorar, transformar a realidade, solucionando problemas e atendendo as carências que foram detectadas. O ver e o julgar levam a uma ação concreta.



Celebrar - festejar a caminhada.

Celebrar é partilhar com Deus e com o grupo de trabalho os frutos.



Julgar - Refletir sobre a realidade à luz do Evangelho.

Julgar é reunir todos os dados levantados e analisar aspectos, bem como as necessidades que eles apontam. O julgar nos dá algumas pista de ação. Quando julgamos um fato, definimos prioridades a serem trabalhadas - o que desejamos transformar.

Rever - Avaliar a ação realizada.

Rever é avaliar a caminhada percebendo o impacto da ação na vida da comunidade e do grupo. O processo de avaliação é muito importante, porque além de esclarecer pontos negativos e pontos positivos, permite perceber o quanto já se caminhou, quais os objetivos foram alcançados e quais aspectos do plano precisam ser melhorados.

Assim, se espera que a EDC seja:

- Espaço de formação permanente,
- Espaço organizado e administrado pelos adolescentes
- Espaço cíclico de renovação dos articuladores;
- Espaço de vivência da fé e dos valores humanizadores.
- Espaço de contribuição para a conscientização e mobilização de adolescentes para atuação na sociedade em sintonia com os princípios e diretrizes da Pastoral do Menor; e
- Espaço para a organização e planejamento de ações concretas a serem exercidas pelos adolescentes.

Para isso, se faz necessário que o encontro da EDC seja:

- ✓ Dinâmico
- ✓ De comunicação digital
- ✓ Que respeita a identidade dos participantes
- ✓ Dialógico
- ✓ Lúdico e cultural
- ✓ De espiritualidade
- ✓ Participativo

2.3 Como implantar uma Escola de Cidadania?

O subcapítulo desta seção nos interpela, “como implantar?”, o que denota por vezes um caráter de receita, de fórmulas. Longe disso, apontaremos algumas pistas experienciadas que podem contribuir para a implantação e implementação da EDC. Cabe destacar que o Brasil tem uma dimensão continental, uma pluralidade cultural, territórios com distintas particularidades. Além disso, ser adolescente na cidade de Tefé tem semelhanças e distinções de ser um adolescente em Porto Alegre. Buscou-se, no 4º Encontro Nacional, sanar essas múltiplas realidades quando se refletiu: como a EDC deve se organizar em âmbito diocesano, regional, nacional?

Compreendemos que, para garantir a rotatividade das lideranças, faz-se necessário o processo cíclico de entrada e saída de participantes, sem se deixar perder o trabalho realizado. É importante que se constituam dois grupos na EDC: o **grupo gestor** e o **grupo de base**.

O grupo gestor é formado por adolescentes articuladores e educadores articuladores. O grupo de base é formado por adolescentes articuladores e adolescentes participantes.

Primeiros passos: reunir adolescentes e educadores para o processo formativo e constituição do grupo gestor. Para a formação do grupo gestor pode-se convidar os adolescentes que frequentam os Centros Educacionais Comunitários, Centro para Crianças e Adolescentes, Centro de Juventude, Centros de Profissionalização, Grêmios Estudantis, turma da catequese, perseverança, crisma, dentre outros.

Após o convite, inicia-se o processo de vivenciar a nucleação e o itinerário formativo, assumindo, junto com os educadores, o processo de organização dos encontros, seja na realização dos momentos de espiritualidade, registro, dinâmica, comunicação etc.

Após os adolescentes terem vivenciado todas as etapas, inicia-se o processo de formação do grupo de base, em que os articuladores são responsáveis por organizar os encontros e desenvolver o que aprenderam com os adolescentes desse novo grupo.

Os adolescentes do grupo de base podem vir a se tornar os adolescentes do grupo gestor, quando passarão a refletir mais a dimen-



são didática metodológica da EDC. A figura seguir ilustra esse movimento cíclico de autoformação:

Assim, a proposta da EDC se renova na medida que se renovam os participantes, mesmo que alguns deles saiam por questões diversas, que envolvam seu projeto de vida, outros participantes conseguem dar sequência.

2.4 Itinerário Formativo

Para se alcançar os objetivos, primando pelo desenvolvimento integral proposto para a EDC, apresentamos um itinerário formativo, um caminho, um processo, uma base para nortear as práticas dos grupos. Isso não significa que outros elementos não possam ser agregados, mas temos estes como requisitos mínimos para a estruturação do currículo formativo. Cada etapa do itinerário pode ser desenvolvida tanto a partir da lógica apresentada a seguir, como em tempos propícios e urgentes, pois cada realidade deve ser avaliada pelos adolescentes e educadores articuladores, refletindo em qual etapa se encontra o grupo de base.

As etapas do itinerário formativo são:

- Vinculação dos participantes do grupo
- Pastoral do Menor e a Doutrina Social da Igreja
- Eu, o outro e a nossa comunidade
- Protagonismo
- Direito e Cidadania
- Temas geradores – Estudo e projetos

Sobre as etapas, apresentamos uma pequena ementa para elucidar o que visa cada uma delas e quais os temas abordados:

Vinculação dos participantes – Etapa primordial para acolhida dos novos integrantes, pois é um processo para consolidação do grupo, etapa de formação de vínculos afetivos, integração entre os participantes e estabelecimento de acordo de convivência, esclarecer sobre a proposta da EDC e o caminho a ser percorrido.

Temas desta etapa

Acolhida

- Dinâmica de integração e acolhida
- Acordo de convivência

O que é a Escola de Cidadania?

- A história da participação e protagonismo do adolescente na Pastoral do Menor
- Construção da nossa Escola de Cidadania

Figura da dinâmica para a construção da EDC

Pastoral do Menor e a Doutrina Social da Igreja – Etapa de reflexão sobre a história da PAMEN, sobre as contribuições da Igreja Católica por meio da Pastoral do Menor para a sociedade brasileira e as encíclicas e outros documentos da igreja que reforçam a dimensão sociopastoral e sociopolítica.

Temas desta etapa

Pastoral do Menor:

- História
- Identidade e objetivos
- Áreas de Ação
- Eixos de atuação
- Mística

Doutrina Social da Igreja

• Diretrizes da ação evangelizadora no Brasil 2020 a 2025, Documento de Aparecida, Exortação *Evangelii Gaudium*, Encíclica *Laudato Si'* e *Misericordiae Vultus* etc.

• Ciclo da Marginalização (ideologia opressora, consumismo, drogas, trabalho infantil, exploração e abuso sexual, preconceito e discriminação etc.)

Eu, o outro e a nossa comunidade – Etapa de reflexão sobre as relações interpessoais (eu e o outro, e eu e a natureza) e intrapessoais (eu comigo mesmo), observando os interesses, desejos, valores e concepções que constituem o ser, com o objetivo de se recuperarem os valores corrompidos pelo sistema capitalista, que desloca a felicidade para o ter e não o ser e conviver. Assim, é essencial valorizar as experiências de vida na família e na comunidade que agreguem para a construção da identidade, da biografia, buscando interagir no meio social de que faz parte. Olhar para sua biografia, e a da sua família e da comunidade é essencial para ajudar os adolescentes a discernirem sobre sua atuação.

Temas desta etapa

Eu, o outro e a comunidade:

- Identidade
- Trabalho em equipe
- Autoestima
- Quem é meu irmão?
- Medos e dramas
- Cartografia da comunidade e/ou mapas narrativos

Nucleção do Grupo - Construção da EDC



Protagonismo – Etapa de exercer o protagonismo individual e coletivo de modo ético, contribuindo para a formação de um novo Homem público à luz das dimensões da ação pastoral: a vida comunitária e participativa, missionária, catequética, profética e libertadora. Nessa etapa vamos discutir o que é protagonismo, ver biografias de adolescentes e jovens líderes, Mártires, Santos, profetas e profetizas nas Sagradas Escrituras e nos tempos atuais, a história e ação de coletivos. É a etapa da inspiração.

Temas desta etapa

Protagonismo:

- O que é protagonismo?
- Caminho da heteronomia à autonomia
- O protagonismo na Bíblia
- Referência de protagonista na nossa história e sociedade

Direito e Cidadania – Etapa de conhecermos por dentro os mecanismos sociopolíticos e econômicos presentes em nossa sociedade, a influência desses espaços sobre a cultura e as relações sociais, compreendendo os mecanismos de exploração (relação opressor e oprimido), buscando assim, refletir sobre a democracia e a participação, os espaços de controle social e político-representativo, quem são os que os ocupam, quais as suas atitudes e projetos sociais, e que tipo de sociedade desejam construir.

Temas desta etapa

Direito e Cidadania:

- O que é Direito
- Constituição Federal
- Estatuto da Criança e do Adolescente
- Políticas Públicas
- Sistema de Garantia de Direitos
- Estado e Sociedade
- Movimentos Sociais, CEBs e Pastorais Sociais
- Democracias
- Fóruns e Conselhos

Qual Direito não está sendo Respeitado?

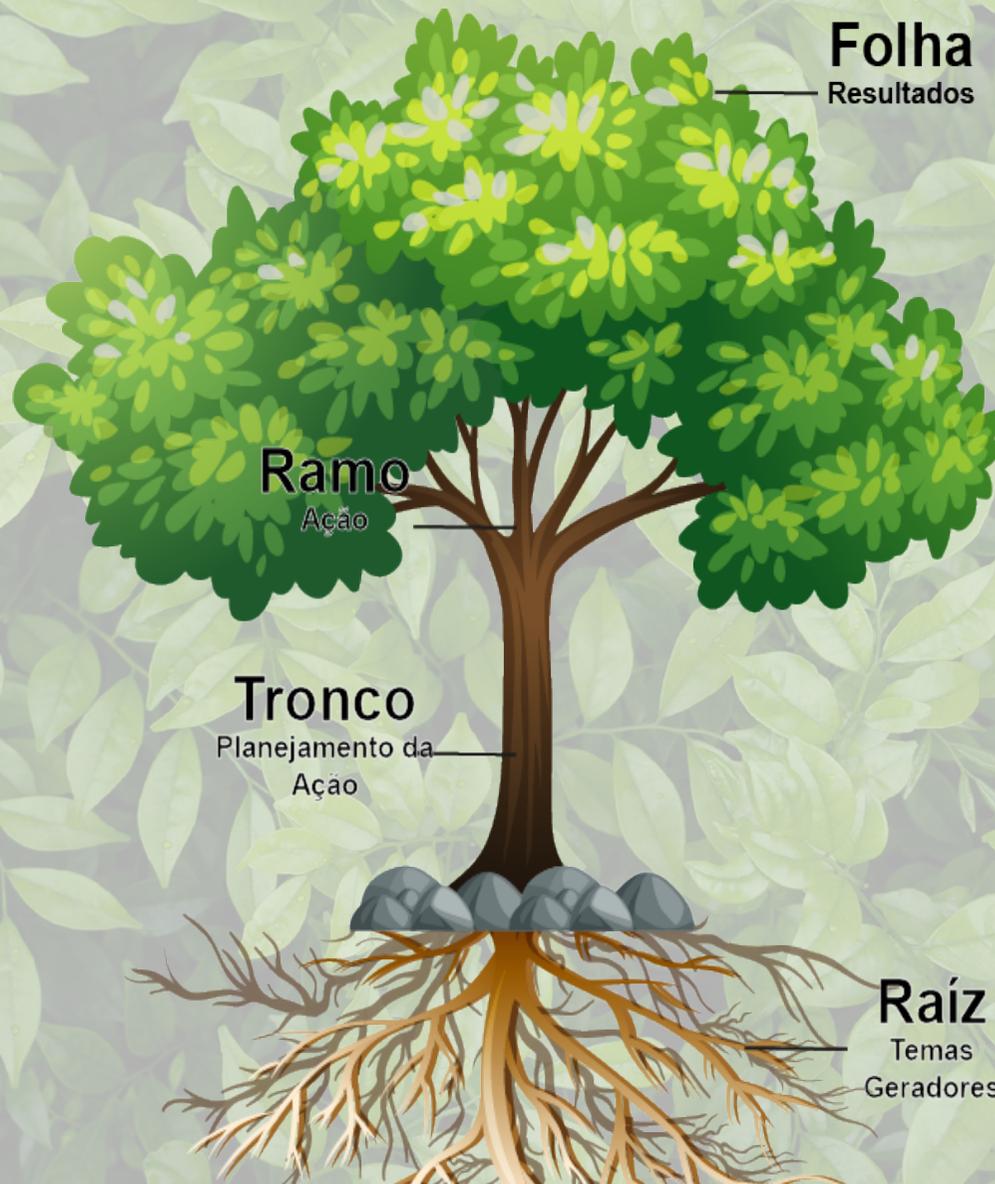
- Referente à vida
- Referente à saúde
- Referente à alimentação
- Referente à educação
- Referente a esporte e lazer
- Referente à profissionalização
- Referente a cultura e liberdade
- Referente à convivência familiar e comunitária

Temas geradores/Projetos de intervenção – Etapa do exercício da prática. Três verbos estão no centro de uma mudança de cultura: conscientizar, mobilizar e multiplicar. No processo de amadurecimento da fé, da personalidade, sente a necessidade de testemunhar as próprias crenças, os valores, o que se aprendeu, empenhando sua vida no serviço aos outros. A ação é uma necessidade especial dos adolescentes, um instrumento pedagógico para avaliar o que se aprendeu e como aprendeu. É a etapa de realizar pequenas ações, projetos pontuais. Nessa fase coloca-se em prática o método pastoral, em que se aprende a elaborar e colocar em prática os projetos de intervenção.

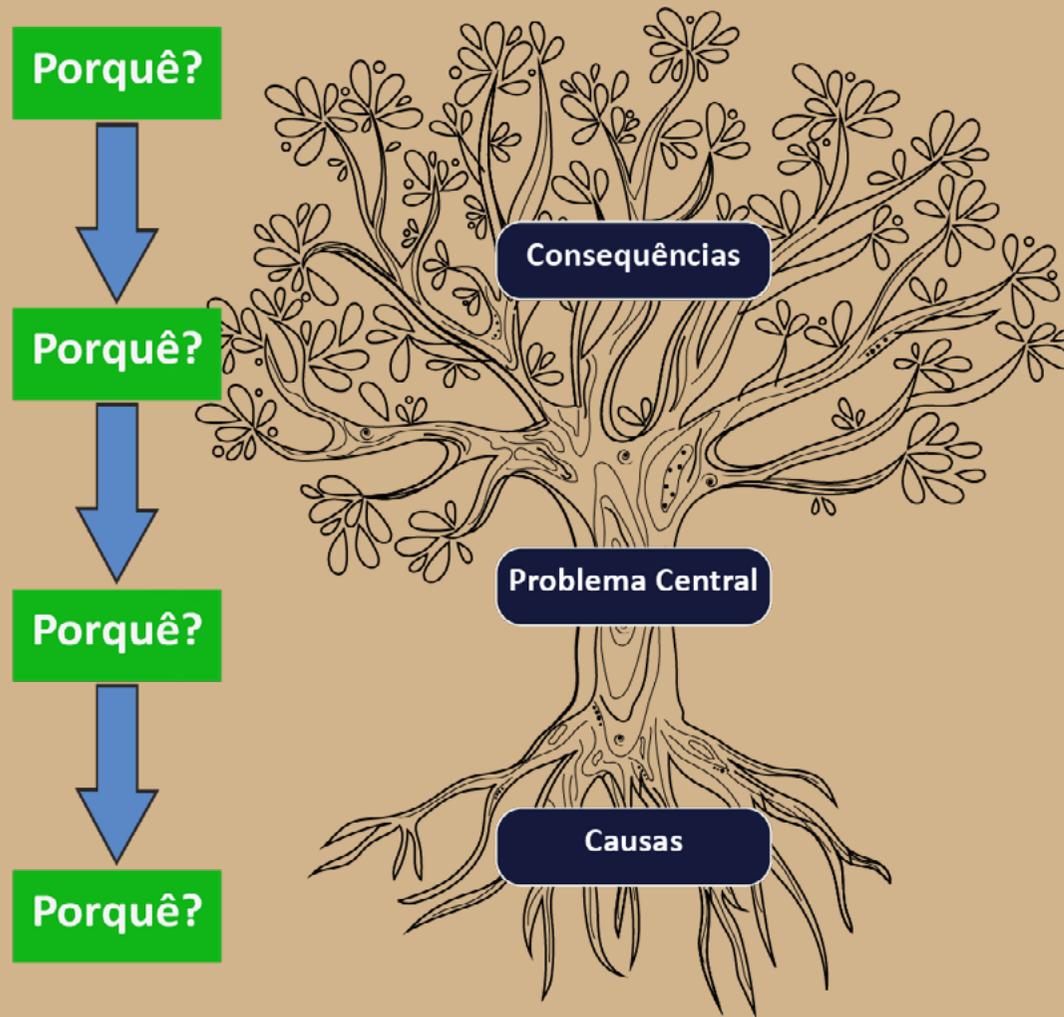
Temas desta etapa

Projeto de intervenção e incidência

- Transformação da realidade; pautado no método Ver, Julgar e Agir.
- Etapa de Rever e Celebrar.
- O processo é mais importante que o resultado.
- Etapa do Ver – Olhar para nossa realidade, identificar um problema, situação, ausência de direitos ou ainda violações.
- Etapa do Julgar – Estudo sobre o tema escolhido.
- Etapa do Agir – Processo de planejamento de uma ação sobre o tema levantado.
- Etapa do Rever – Avaliar a execução do projeto e o resultado e replanejar, se for o caso.
- Etapa do Celebrar – A celebração deve ser realizada a cada fim e recomeço dos processos, mesmo que não tenha havido grandes resultados.



Temas Geradores - Estudos e Projetos



Ao grupo gestor acrescentem-se duas outras etapas:

Didática/metodológica: Etapa corresponde à capacitação didática/metodológica para que os adolescentes articuladores desenvolvam as atividades com os adolescentes do grupo de base. É a etapa de aprendermos a planejar, desenvolver e avaliar os encontros. Processo de formação continuado, que lhes garanta a aquisição de habilidades e competência pedagógicas.

Temas desta etapa

- Comunicação
- Pedagogia da autonomia e a ação educativa
- Planejamento e avaliação
- As múltiplas linguagens culturais, artísticas, esportivas, digital etc.
- O lúdico e a cultura popular

Projeto de vida: Etapa para apropriar-se de ferramentas para reflexão de um projeto de vida, de perspectivas positivas em relação ao futuro, de capacidade de fazer escolhas, buscando estratégias para alcançar os sonhos almejados, sonhos fincados em uma base sólida, solidária e ética.

Temas desta etapa

- Quais são os meus sonhos?
- O que é um projeto de vida?
- Meus sonhos respondem aos meus desejos ou ao desejo do mercado?
- Como traçar um plano viável para desenvolver meu projeto de vida?
- Meu ou nosso projeto de vida? Quando nossos caminhos se encontram...

2.5 Estrutura dos encontros

Para o desenvolvimento do itinerário formativo propomos uma estrutura para os encontros a partir de relatos vivenciados em diferentes EDCs pelo Brasil e aprovado no 4º Encontro Nacional de Articuladores. Novamente cabe destacar que este é um indicativo, pontos mínimos, mas, ao mesmo tempo, caros para nós, da PAMEN. São eles a mística, a ludicidade para desenvolver a temática, o registro como processo de construção das narrativas e memória e exercícios para aprofundamento e/ou mobilização. O que se deve valorizar nesta estrutura é que quanto mais todos os participantes se envolverem em todos os processos e etapas, mais aprendizagem é potencializada. Abaixo, figuras que ilustram a periodicidade e as etapas do encontro.

Modelo para os Encontros de Formação dos articuladores	
Estrutura	Quinzenal
	Duração de 2 horas
	Unidades acolhedoras e rotativas
Todos são corresponsáveis pelo processo com tarefas:	Mística
	Dinâmica de integração ou temática
	Registro Coletivo
	Aprofundamento do Tema
	Tarefas para aprofundar ou Mobilizar

Modelo para os Econtros de Formação dos grupos de base

Estrutura

Semanalmente

Duração de 2 horas

Unidades acolhedoras e rotativas

Todos são corresponsáveis pelo processo com tarefas:

Mística

Dinâmica de integração ou temática

Registro Coletivo

Aprofundamento do Tema

Tarefas para aprofundar ou Mobilizar

2.6 As múltiplas linguagens

Ao falarmos de múltiplas linguagens estamos nos referindo aos processos de reconhecimento da aprendizagem e do desenvolvimento integral, são as diversas formas, maneiras, espaços e tempos em que o adolescente aprende na EDC.

Não aprendemos só pela leitura, mas através do corpo, do cheiro, dos sabores, das diversas linguagens que permeiam a vida humana. Na EDC três campos são muito explorados: as linguagens digitais, as linguagens plásticas, as linguagens que advêm da tradição. E assim, os adolescentes são expostos a diversas linguagens e ao contato com a pluralidade cultural.

As diferentes linguagens carregam recursos próprios, e podem ser interligados e interdisciplinares. Observa-se na EDC o uso de:

- Leituras de notícias e contação de história;
- Atividades lúdicas, brincadeiras e dinâmicas;
- Atividades plásticas, como pinturas, colagem e desenhos,
- Atividade de comunicação através de áudios, vídeos e impressos (sendo muito explorados em tempos de tecnologias digitais)
- Atividade de cultura e memória vivenciados através das diversas expressões corporais, como danças e outras formas.

A arte tem-se revelado um dos caminhos mais eficazes de conscientização. É na brincadeira que reinventamos a realidade, por meio da magia da criatividade. Essa cultura criada e recriada pelo grupo incorpora novas ordens sociológicas, políticas, afetivas, econômicas e culturais.

A corporeidade presente na relação cotidiana revela afetos e prazeres que podem passar despercebidos, banalizados e discriminados pelos adultos, numa fragmentação da corporeidade do sujeito que não é vista em sua totalidade.

A linguagem corporal é construída na densa trama das relações sociais e ocorre no discurso da família, da comunidade, da escola, da Igreja e do Estado. Os corpos são educados, portanto, conforme sua condição social e o espaço em que vivem, que os determinam e os afetam no seu modo de ser, pensar, falar, sentir e agir. Assim a expressividade corporal de um grupo e seus códigos devem ser aprofundados na EDC, uma vez que sustentam os esquemas constitutivos da cultura, portam as heranças e as tradições grupais, além de acumularem ou ressignificarem as convenções coletivas.

Já a liberdade proporcionada pela dinâmica, pelos jogos, estabelece uma subjetividade interna ao próprio ato de jogar, possibilitando o desenvolvimento de diferentes capacidades, de maneira que aquele que o experimenta saboreia a criatividade, o potencial criador e reconstrutor de si mesmo, do outro e das suas relações.

Tais linguagens valorizam e resgatam as tradições e histórias de diversos grupos sociais desvalorizados, por vezes, pela “educação de escola”. Talvez pois isso a EDC torna-se tão atrativa e dinâmica.

2.7 O Papel do Adolescente e do Educador Articuladores

A ação da Pastoral do Menor e, conseqüentemente, da EDC prima pela consulta, interação e participação de todos. Aprendemos essa prática com Jesus: Ele acolhe e valoriza o que há de bom em todos nós e nos provoca a colocar em comum nossos dons para contribuir na missão. Nesse sentido, a relação de convivência e ensino-aprendizagem deve ser circular, dialógica, onde todos são corresponsáveis pelos encontros, isto é, a cada encontro eu tenho a oportunidade de contribuir na mística, na dinâmica, no registro etc.

Mas como Freire afirma, é necessário um rigor metódico. Assim, apontamos que se espera algo de cada grupo, seja do

- Grupo de Base
- Grupo Gestor
- Adolescente e Educador referências da Diocese
- Grupo de Articuladores do Regional
- Grupo Gestor/Articulador Nacional

Assim, os articuladores nacionais apontaram um possível perfil para esses sujeitos:

✓ Perfil do adolescente no grupo de base:

- participa ativamente;
- é protagonista;
- demonstra interesse e inquietude;
- tem orgulho da própria história;
- indigna-se com as coisas erradas;
- força de vontade;
- sinceridade;
- mística;
- paciência;

✓ Papel do adolescente no grupo de base:

- Levantar assuntos para discussão;
- Ser companheiro; Participar e interagir;
- Ser produtivo e aberto a novas ideias.
- Ter disposição para trabalhar nas atividades;
- Ajudar nos encontros;

✓ Papel do Adolescente no grupo gestor:

- Promover a união do grupo;
- Planejar os encontros do grupo de base;
- Estar em constante formação;
- Ser protagonista; Ser comunicativo;
- Estudar sobre a metodologia da EDC;
- Dar apoio;

- Multiplicar;
- Ser humilde;
- Orientar;
- Ser ouvinte;
- Ser ativo;
- Ser paciente e observador.

✓ **Perfil do Adolescente no grupo gestor:**

- Saber se expressar;
- Ser ético;
- Ser responsável;
- Ter equilíbrio;
- Ser ativo;
- Ser visionário.
- Ser organizado;
- Ser luz;
- Ter empatia;
- Ser motivador;
- Ser extrovertido;
- Ser pontual;
- Ser protagonista;
- Ser parceiro;
- Pesquisar e estudar;
- Ser mobilizador;

✓ **Papel do Educador:**

- Orientar e motivar;
- Ouvir;
- Ser mediador;
- Ajudar a criar o grupo de base de adolescentes e o grupo gestor.
- Incentivar;
- Dar exemplo;
- Auxiliar;
- Apoiar;
- Ser responsável;
- Participar;

✓ **Perfil do Educador:**

- Dinâmico;
- Ético;
- Místico;
- Companheiro;
- Extrovertido;
- Paciente;
- Organizado;
- Interativo;
- Mente aberta;
- Animado;
- Organizado;
- Humilde;
- Flexível;
- Criativo.
- Pontual;
- Comunicativo;
- Produtivo;
- Inteligente;
- Acolhedor;
- Bem-preparado;

CAPÍTULO 3

3. Propostas de encontros para nucleação da EDC

Juliana Silva

Para inspirar os grupos que desejam **implantar** a EDC, para os grupos que desejam **retomar** a EDC e para os grupos que desejam **animar** a EDC, segue uma pequena proposta, fruto da contribuição de educadores articuladores espalhados pelo Brasil.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte I

Objetivo do encontro: Construir coletivamente com os adolescentes, os valores, crenças, entre outras coisas que serão a base da Escola de Cidadania.

Preparação do Encontro e Materiais: Confira se precisará de aparelho de som para o encontro. Separe e prepare os materiais com antecedência para evitar surpresas.

- Materiais: Papel com a imagem de uma casa para cada adolescente, casa grande desenhada em uma cartolina, canetas e dicionário.

Acolhida

Acolher cada adolescente com um abraço e bastante alegria e com uma música calma e ambiente

Espiritualidade

Leitura bíblica: Salmos 127, 1-3

Dinâmica

Casa, morador, terremoto

Descrição: Separe o grupo em trios. No trio, duas pessoas ficarão uma de frente para a outra, de mãos dadas, e a terceira pessoa ficará entre elas. O mediador informará ao trio quem é casa e quem é morador: quem está no meio será o MORADOR, os outros dois que estão de mão dadas serão a CASA.

Ao separar os trios, tem que sobrar UMA pessoa.

O mediador será a pessoa que dará os comandos.

1. Quando disser "CASA", as duplas que são a casa precisam mudar de lugar e trocar de "MORADOR".
2. Quando disser "MORADOR", a pessoa quem está no meio deve trocar de casa.
3. Quando disser "TERREMOTO" todos precisam desmanchar as casas e formarem outras.

A pessoa que sobrar três vezes encerra o jogo. EXPLICAR MELHOR.

Discutindo o tema

Materiais: Papel com a imagem de uma casa para cada adolescente, casa grande desenhada em uma cartolina.

Hoje vamos começar a construir a nossa Escola de Cidadania, e para que consigamos construir com bastante carinho e fazendo com que todos neste grupo se sintam parte, pensaremos na Escola de Cidadania como se ela fosse uma casa e nós iremos construir esta casa por partes.

Hoje começaremos por uma parte muito importante da casa: a sua base! Depois que já construímos uma casa nós não conseguimos ver mais seu alicerce. Apesar de não conseguir vê-lo, nós sabemos que é esse alicerce que garante que a casa não desmorone.

Cada adolescente ganhará a imagem de uma casa, pedir para que eles escrevam na base da casa o que eles acham que deve ser a base da Escola de Cidadania, o que irá sustentar a Escola para garantir que ela não desmorone.

Aqui os adolescentes irão falar sobre valores, crenças, coisas que não vemos, não tocamos, mas que sabemos que elas existem, como por exemplo: mística, fé etc.

Permitir que eles reflitam, tirem suas dúvidas, interajam.

Após escreverem, pedir para que apresentem o que colocaram e percebam coisas que foram comuns. Fomente com o grupo a discussão de quais dessas coisas em comum colocaremos na base da nossa casa coletiva, que é a Escola de Cidadania. Quando o grupo entrar em consenso, peça para que coletivamente eles passem para a cartolina os pontos acordados.

Atenção: Enquanto os adolescentes pensam individualmente, coloque músicas calmas e em um volume baixo para que o momento seja de construção leve e descontraída.

Compromisso: No próximo encontro usaremos a mesma casa que foi usada neste encontro, então o compromisso é cuidar da casa que começou a ser construída.

Encerrando o encontro

Casa é o lugar que é nosso, onde passamos grande parte do nosso tempo, onde acumulamos histórias e aprendizados, é o lugar que nos faz sentir bem.

Refleta com o grupo como é gostoso estar em casa e se sentir em casa.

Sugestão de música para o encerramento: Casa Engraçada – Versão Arlindo Cruz e Marcelo D2.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte II

Objetivo do encontro: Construir coletivamente com os adolescentes a estrutura do grupo de Escola de Cidadania, pensando no que a sustenta e garante e o formato da Escola.

Preparação do Encontro e Materiais: Confira se precisará de aparelho de som para o encontro. Separe e prepare os materiais com antecedência para evitar surpresas.

Materiais: Casas individuais e a casa coletiva que foram iniciadas no encontro passado, caneta e dicionário.

Acolhida

Acolher cada adolescente com um abraço e bastante alegria e dizer o quão bom é recebê-lo novamente e que ele é parte importante da construção dessa casa.

Espiritualidade

Leitura bíblica: 1Crônicas 17,11-12

Dinâmica

Cadeira Cooperativa

Descrição: Forme um círculo com cadeiras bem próximas e peça que os adolescentes se sentem; em seguida cada um se deita na perna do colega.

O mediador da dinâmica deve ir tirando uma cadeira por vez, e o grupo deve se manter na posição, um sustentando o outro, conforme as cadeiras vão sendo retiradas. Quando todas as cadeiras tiverem sido retiradas, observe se o grupo se manteve firme.

Refleta com o grupo sobre essa dinâmica, se eles sentiram dificuldades em se manter, em se concentrar e qual a importância da ajuda do outro quando a cadeira é retirada.

Discutindo o tema

Materiais: usaremos as casas individuais e a casa coletiva que foram iniciadas no encontro passado.

Hoje daremos continuidade à construção da nossa Escola de Cidadania. No último encontro nós começamos a construir juntos a nossa base e estrutura, que nos deu direcionamento e ideia de como queremos iniciar a nossa casa. Hoje nós pensaremos na parede da nossa casa, a parede é aquilo que nos sustentará, que dará sustentação a toda a nossa casa e irá garantir que fique de pé.

Cada adolescente retomará a imagem da casa que recebeu no encontro anterior. Neste encontro a dinâmica é colocar nas paredes da casa as ações concretas, aquilo que acreditam que deve sustentar a Escola de Cidadania. Exemplo: comprometimento, união...

Permitir que eles reflitam, tirem suas dúvidas, interajam, assim como no encontro anterior.

Após escreverem, pedir que apresentem o que escreveram e percebam coisas que foram comuns. Fomente com o grupo a discussão de quais dessas coisas em comum colocaremos nas paredes da nossa casa coletiva, refletir se a palavra tem que estar neste espaço da casa ou em outro espaço, se os significados das palavras correspondem ao que de fato queremos, pedir que olhem no dicionário sempre que estiverem em dúvida sobre o real significado de alguma palavra.

Quando o grupo entrar em consenso, peça que eles transfiram para a cartolina os pontos decididos.

Dica: Deixe novas imagens de casa prontas, caso surjam novos adolescentes no grupo. Se isso acontecer receba-os bem, explique os pontos trabalhados no encontro anterior e auxilie-os para que eles consigam se sentir parte do encontro atual.

Para esse momento o ambiente pode se manter no mesmo clima calmo e acolhedor sugerido para o encontro passado.

Compromisso: No próximo encontro usaremos a mesma casa que foi usada neste encontro, então o compromisso é cuidar da casa que começou a ser construída e refletir quais são as outras casas com as quais precisamos ter cuidado.

Encerrando o encontro

No encontro anterior nós dissemos que, Casa é o lugar que é nosso, onde passamos grande parte do nosso tempo, onde acumulamos histórias e aprendizados, é o lugar que nos faz sentir bem.

E quando nós conseguimos construir essa casa com várias mãos e também com as nossas mãos, nós nos sentimos cada vez mais parte dela.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte III

Objetivo do encontro: Construir coletivamente com os adolescentes a estrutura do grupo de Escola de Cidadania, buscando o que é necessário para proteger o grupo.

Preparação do Encontro e Materiais: Confira se precisará de aparelho de som para o encontro. Separe e prepare os materiais com antecedência para evitar surpresas.

Materiais: Casas individuais e a casa coletiva que foram iniciadas nos encontros anteriores, canetas, dicionário e bexigas.

Acolhida

Acolher o grupo com um ambiente aconchegante e alegre.

Espiritualidade

Leitura bíblica: Marcos 2, 1-5

Dinâmica

Protegendo os sonhos

Materiais: bexigas, papel e caneta.

Descrição: Entregue um pedaço de papel, uma caneta e uma bexiga para cada adolescente e peça que eles escrevam nesse papel um sonho que gostariam de realizar, coloquem dentro da bexiga e a encham.

Diga que todos devem jogar suas bexigas para cima e mantê-la no alto, sem deixar que nenhuma bexiga caia no chão. Vá tirando pessoas aleatoriamente do grupo e incentivando os demais a não deixar nenhuma bexiga cair no chão, tire um por um até que sobre apenas uma pessoa protegendo todas as bexigas.

Refleta com o grupo o que eles perceberam com essa dinâmica, as suas dificuldades e se é possível segurar o sonho de todos sendo apenas uma pessoa.

Discutindo o tema

Materiais: usaremos as casas individuais e a casa coletiva que foram iniciadas no encontro passado.

Hoje daremos continuidade à construção da nossa Escola de Cidadania. Nos dois últimos encontros nós começamos a construir juntos a nossa base e estrutura, e as paredes da nossa casa. Agora construiremos juntos o telhado da nossa casa. O telhado é o que nos guarda e protege de sol, da chuva, do frio etc. Qual o telhado que queremos para a EDC? O que é necessário para proteger a nossa Escola de Cidadania?

Cada adolescente retomará a imagem da casa que recebeu no encontro anterior. Neste encontro a dinâmica é colocar no telhado da casa o que é necessário para que todos os participantes estejam bem, felizes e seguros.

Permitir que eles reflitam, tirem suas dúvidas, interajam, assim como nos encontros anteriores.

Após escreverem, peça que apresentem o que escreveram e percebam coisas que foram comuns. Fomente com o grupo a discussão de quais dessas coisas em comum colocaremos no telhado da nossa casa coletiva. Refletir se a palavra tem que estar neste espaço da casa ou em outro espaço; se os significados das palavras correspondem ao que de fato queremos; peça que olhem no dicionário sempre que estiverem em dúvida do real significado de alguma palavra.

Quando o grupo entrar em consenso, peça que eles coloquem na cartolina os pontos decididos.

Compromisso: No próximo encontro usaremos a mesma casa que foi usada neste encontro, então o compromisso é cuidar da casa que começou a ser construída e começar a praticar os cuidados que foram definidos para a EDC.

Encerrando o encontro

Neste caminho de construção nós já definimos a nossa base, paredes e telhado, assim construindo a nossa Casa e fazendo dela um lugar que é todo nosso. Que a Escola de Cidadania possa ser o espaço de acolhida e proteção deste grupo.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte IV

Objetivo do encontro: Construir coletivamente com os adolescentes a estrutura do grupo de Escola de Cidadania buscando o que se pretende com a Escola de Cidadania.

Preparação do Encontro e Materiais: Confira se precisará de aparelho de som para o encontro. Separe e prepare os materiais com antecedência para evitar surpresas.

Materiais: Casas individuais e a casa coletiva que foram trabalhadas nos encontros anteriores, canetas e dicionário.

Acolhida

Acolher o grupo com um ambiente acolhedor e alegre.

Espiritualidade

Leitura bíblica: Lucas 18,35-43

Dinâmica

Sociedade e privilégios

Descrição: Faça uma lista de privilégios existentes na nossa sociedade. Peça que o grupo fique enfileirado e leia cada item da lista.

Se o adolescente se identificar com o item lido, ele deve dar um passo à frente.

Quando a lista acabar, peça para que eles olhem que está mais atrás, no meio e na frente.

Refleta com o grupo o porquê de nem todos terem avançado ao mesmo tempo, conforme as palavras iam sendo lidas.

Discussão do tema

Materiais: usaremos as casas individuais e a casa coletiva que foram trabalhadas nos encontros anteriores.

Hoje daremos continuidade à construção da nossa Escola de Cidadania. Juntos construímos nossa base e estrutura, as paredes e o telhado da nossa casa. Agora chegou o momento de colocarmos as janelas da nossa casa. As janelas nos trazem luz, ar e nos deixam ver o que acontece lá fora.

O grupo retomará a imagem da casa que cada um recebeu no primeiro encontro. Neste encontro a dinâmica é colocar nas janelas da casa o que pretendemos falar na EDC, quais são os assuntos que nós vemos na sociedade, no nosso bairro, na nossa cidade e que queremos discutir dentro da nossa casa. Aqui virão temas que darão o norte dos temas a serem trabalhados nos encontros do grupo.

Permitir que eles reflitam, tirem suas dúvidas, interajam, assim como nos encontros anteriores.

Após escreverem, peça que apresentem o que escreveram e percebam coisas que foram comuns. Fomente com o grupo a discussão de quais dessas coisas em comum colocaremos nas janelas da nossa casa coletiva, refletir se a palavra tem que estar nesse espaço da casa ou em outro espaço, se os significados das palavras correspondem ao que de fato queremos. Peça que olhem no dicionário sempre que estiverem em dúvida do real significado de alguma palavra.

Quando o grupo entrar em consenso, peça que eles coloquem na cartolina os pontos decididos.

Compromisso: No próximo encontro usaremos a mesma casa que foi usada neste encontro, então o compromisso é cuidar da casa que começou a ser construída e começar a olhar de modo crítico as nossas realidades, privilégios e não-privilégios.

Encerrando o encontro

Hoje colocamos as janelas da nossa casa, o que significa que já construímos bastante coisa. Pela nossa janela, conseguiremos enxergar melhor as coisas que acontecem ao redor da nossa casa; conseguiremos receber ar, sol... ver belas paisagens. Aproveitem para abrir as janelas de sua casa e ver as belezas que aparecem através delas.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte V

Objetivo do encontro: Construir coletivamente com os adolescentes a estrutura do grupo de Escola de Cidadania, enfatizando o que se espera dos adolescentes membros da EDC.

Preparação do Encontro e Materiais: Separe e prepare os materiais com antecedência para evitar surpresas.
Materiais: Casas individuais e a casa coletiva que foram trabalhadas nos encontros anteriores, canetas e dicionário.

Acolhida

Acolher o grupo com um ambiente aconchegante e alegre e colorido. Se for possível, coloque fotos dos 4 encontros anteriores.

Espiritualidade

Leitura bíblica: Salmo 24,3-4

Dinâmica

Confio em você

Descrição: Separe o grupo em minigrupos de 4 ou 5 pessoas. Peça que o grupo faça um círculo estreito e escolha uma pessoa para ficar no meio.

A pessoa que está no meio terá que fechar os olhos, e ir caindo para a frente, para trás, para os lados e os demais precisam proteger a pessoa do meio, não deixando que caia e nem se machuque. Vão trocando de lugar, até que todos tenham assumido a posição no centro do círculo.

Refleta com todo o grupo qual a dificuldade da dinâmica, tanto para quem estava no meio, quanto para quem estava no círculo, protegendo.

Discutindo o tema

Materiais: usaremos as casas individuais e a casa coletiva que foram trabalhadas nos encontros anteriores, canetas e dicionário.

Hoje é a última etapa da construção da nossa casa e para podermos finalizar essa obra, colocaremos a porta da nossa casa. Fizemos um longo caminho de trabalho até chegarmos a este momento. Quando construímos uma casa, colocamos portas, e uma das suas maiores finalidades é podermos ver quem está chegando e entrando na nossa casa, então nós também chegamos a este momento.

O grupo retomará a imagem da casa que cada um recebeu no primeiro encontro. Neste encontro a ideia é conversar sobre o que a Escola de Cidadania espera dos adolescentes que estão nela, quem são as pessoas que serão acolhidas por nós em nossa casa.

Permitir que eles reflitam, tirem suas dúvidas, interajam, assim como no encontro anterior.

Após escreverem, pedir para que apresentem o que colocaram e percebam coisas que foram comuns. Fomente com o grupo a discussão de quais dessas coisas em comum colocaremos no telhado da nossa casa coletiva; refletir se a palavra tem que estar neste espaço da casa ou em outro espaço, se os significados das palavras correspondem ao que de fato queremos; pedir para que olhem no dicionário sempre que estiverem em dúvida sobre o real significado de alguma palavra.

Encerrada a discussão, faça com o grupo uma retrospectiva de como a casa foi construída.

Compromisso: Com a nossa casa construída, já podemos morar nela, convidar pessoas para visitá-la e principalmente cuidar dela. Firme com o grupo o compromisso de todos cuidarem dessa casa e de convidar pessoas para visitar e morar nessa casa junto com o grupo.

Encerrando o encontro

Juntos construímos uma casa grande e linda, cheia de pluralidades, ideias e diversidade, uma casa construída por adolescentes e para os adolescentes. Que a nossa casa seja o nosso lar, nosso refúgio e espaço de muitos aprendizados e alegria.

ESCOLA DE CIDADANIA

Parte VI

Objetivo do encontro: proporcionar um espaço de encontro onde os adolescentes se sintam acolhidos, percebidos, entrosados e tenham um primeiro contato com a Escola de Cidadania.

Preparação do Encontro: Organizar um círculo, no meio do círculo colocar uma vela, elementos que representem a realidade do bairro/cidade (fotos, símbolos, letra de música etc.)

Materiais: caneta e papel em branco.

Acolhida

Acolher cada adolescente com um abraço e a frase *“Seja bem-vindo, você é muito importante”*.

Sugere-se que ao fundo esteja tocando uma música calma e em volume baixo, seja de aparelho de som ou violão.

Espiritualidade

Leitura bíblica: Mateus 9,9-13.

Fazer a leitura do texto e em seguida iniciar fala ao grupo, ligando a leitura bíblica ao tema do encontro.

Jesus convidou e organizou um grupo de pessoas para andarem junto a ele, convidou pessoas simples, trabalhadoras e trabalhadores para caminhar com ele. Estes se tornaram também amigos de Jesus. Ao longo da história da vida de Jesus, podemos notar a presença de grupos, assim também somos nós.

Dinâmica

Dinâmica do barbante

Material: Rolo grande de barbante

Descrição: Os participantes devem se sentar em círculo, pode ser no chão ou em cadeiras.

O coordenador toma a iniciativa iniciando a brincadeira, segura a ponta do barbante e joga o rolo para a primeira pessoa, pode ser qualquer um e diz o seguinte:

(Nome da pessoa), pegue este rolo de barbante e jogue para alguém aqui presente, pode ser qualquer pessoa, mas você vai ter que fazer uma pergunta a essa pessoa.

Exemplo de perguntas:

Qual seu time? Quanto anos você tem? Tem namorado(a)? Qual seu hobby? Pode ser coisas pessoais ou relacionadas à escola, cotidiano etc.

Discutindo o tema

Para realizar a atividade será necessário separar os adolescentes em minigrupos, para acontecer de forma dinâmica o coordenador do encontro deve pedir aos adolescentes que se juntem de acordo com as respostas semelhantes dadas às perguntas (sugeridas) a seguir:

- *Juntem-se no mesmo grupo quem está de tênis.*
- *Juntem-se no mesmo grupo quem está de calça.*
- *Juntem-se no mesmo grupo quem está usando óculos.*

Faça mais duas perguntas de acordo com a realidade dos participantes do encontro para que os grupos se formem e mantenham essa formação, pedindo para que eles se separem, cada grupo em um canto do espaço do encontro.

Entregue ao grupo um papel com as questões abaixo e peça que eles respondam coletivamente. Peça que o grupo escolha um membro para registrar e um ou dois membros para apresentar as respostas ao grupo geral.

- o que é grupo para vocês?
- o que vocês esperam de um grupo?
- no que podemos contribuir para o desenvolvimento do grupo?
- qual a importância de se participar de um grupo?
- quais temas acreditamos ser importantes para se trabalhar em grupo?

Estipulem um tempo, de até 20 minutos, para que os grupos respondam às questões. O coordenador do encontro também tem total liberdade para escolher mais perguntas para a atividade. Ao final do tempo estipulado, pedir que os grupos façam a apresentação de suas respostas e retornem ao grupo geral. (Importante, ao final, pedir os registros realizados pelos grupos, a fim de trabalhar encontros futuros).

Encerrando o encontro

Poema: A corrida da vida - Bráulio Bessa

“A vida é uma corrida
que não se corre sozinho.
E vencer não é chegar,
é aproveitar o caminho
sentindo o cheiro das flores
e aprendendo com as dores
causadas por cada espinho.”

Após a leitura do poema, incentivar o grupo a formar o compromisso de trazer para o próximo encontro um símbolo pessoal que os represente, pode ser algo que eles já tenham ou que eles queiram construir. Marcar com eles a data, o local e o horário do próximo encontro; despedir-se com uma música animada.

Parte IV

Objetivo do encontro: Despertar o diálogo interior positivo como meio de autoconhecimento.

Preparação do Encontro: organizar um círculo com papéis e caneta, pedir aos adolescentes que tenham celular para que levem o aparelho para o encontro.

Materiais: celular, papel em branco e canetas.

Acolhida

Preparar cartõezinhos (com sulfite ou cartolina) com o texto abaixo e entregar um a cada adolescente, conforme eles chegam.

“Estar sozinho não é o mesmo que solidão, estar consigo mesmo deve ser, antes de qualquer outra, a sua melhor companhia. Ocupamo-nos demais para não nos ocuparmos de nós mesmos. Estar bem consigo mesmo é o princípio do ser feliz.”

Espiritualidade

Leitura bíblica: Mateus 5,13-16

Todos nós somos alguém especial, para nós mesmos, para a nossa família, amigos. Na Bíblia, ser sal da terra significa que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, e assim como Ele, que é amor, nós devemos ser sal e dar sabor e fertilidade à terra.

Dinâmica

Simbolizando meu nome

Coloque os adolescentes participantes sentados em círculo, peça que um, de cada vez, vá para o centro do círculo.

Quando chegarem ao centro, devem dizer o seu nome e fazer um gesto. A seguir, cada um dos outros participantes deve repetir o nome e o gesto que a pessoa acabou de fazer.

Discutindo o tema

Separe o grupo em trios; esse trio terá o “câmera”, o “repórter” e o “entrevistado”. Entregue a esta dupla, papéis com as perguntas abaixo, para que eles reflitam e respondam em vídeo, em forma de entrevista. O trio se revezará entre quem fará as perguntas, quem responderá e quem gravará o vídeo.

- O que você acha de você mesmo? Por quê?
- Quais suas maiores dificuldades (defeitos*)? E suas melhores qualidades?
- O seu maior sonho?
- Como seria possível realizá-lo no curto, médio e longo prazo?
- Quem são as pessoas mais importantes para você? Por quê?
- Do que você tem medo? Por quê?
- O que as pessoas pensariam dos seus sonhos depois de realizados?
- Você acredita em você? Por quê?

Estipulem um tempo, de até 30 minutos, para que os trios reflitam e respondam às perguntas e consigam gravar os vídeos. Ao final do tempo estipulado, peça que os trios retornem para o grupo e compartilhem sobre as dificuldades de falar de si mesmo.

Atenção coordenadores e educadores: Sugerimos que todos os vídeos sejam guardados e usados futuramente em alguma atividade, como, por exemplo, o aniversário do grupo.

Encerrando o encontro.

Música: Dona de Mim – Isa.

Após tocar a música assumir com o grupo que, no próximo encontro eles tragam ideias de coisas que poderiam ter e/ou acontecer no grupo.

4. Referenciais Bibliográficos

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CNBB. **BÍBLIA**: Edição Pastoral. Ed 32ª. São Paulo: Paulus, 2020.

_____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 18 set. 2018.

CNBB. **Campanha da Fraternidade - Fraternidade e o Menor**. São Paulo: Paulinas, 1987.

Documento Regional Leste 2, n.d.

LOPES, L. A. **Uma narrativa sobre a formação dos educadores sociais no Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto**: percepções sobre a práxis e o desenvolvimento profissional. (Dissertação de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. 2020

LOPES, L. A.; Souza Neto, J. C. de. **Formação do educador social: a experiência do Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto**. Revista de Ciências da Educação. Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL. Programa de Mestrado em Educação – Americana, SP, Ano XX no 42 jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/issue/view/32/4> Acesso em: 18 ago. 2019.

LOPES, L. A. **O projeto Escola de Cidadania da Pastoral do Menor: uma proposta sociopedagógica e pastoral inovadora**. Anais do IV Congresso Internacional Salesiano de Educação A pesquisa como ato político na contemporaneidade X Seminário Sobre Educação Sociocomunitária - Americana, SP, 2019. Disponível em: <http://www.lo.unisal.br/sistemas/conise/anais.pdf> Acesso em: 25 mar. 2020.

LOPES, L. A.; CAPECCHI, M. C. V. M. ; SOUZA NETO, J. C. ; TEIXEIRA, S. . The Role of the 'Guiding Educator' in the student group: For citizen training-action. RoSe - Research on Steiner Education, 2021.

PAMEN – PASTORAL DO MENOR. Plano Nacional de Formação, 2018.

PAMEN –PASTORAL DO MENOR. Princípios, Diretrizes e Organização, 2017.

PAMEN – PASTORAL DO MENOR. Projeto Político, 2018.



Parceiros:



CHIESA
CATTOLICA
ITALIANA

MISEREOR
IHR HILFSWERK

Realização:

